



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MULHERES ENTRE-TECIDAS *DIÁLOGOS INTERCULTURAIS ENTRE PAULINA CHIZIANE E CHIMAMANDA ADICHIE*

Igara Melo Dantas¹; Thayane de Araújo Morais²; Tânia Maria de Araújo Lima³

UFRN/ dantasigara@gmail.com UFRN/ thayanett@gmail.com UFRN/ tanialimapoesia@yahoo.com.br

RESUMO

Ao adentrar na escrita feminina contemporânea as fronteiras da diferença, do silenciamento e das questões de gênero vem à tona. Entendendo a relevância das vozes emergidas no “entre-lugar”, espaço de transformação histórica onde o imaginário em constante (des) construção transcende as barreiras dualistas, mulheres entre-tecidas analisou algumas das possibilidades de reflexão sobre o papel da mulher enquanto escritora, verificando as operações estéticas a partir das quais se articulam a potencialidade da palavra à vida e suas intervenções na escritura. Nesta travessia, tecemos comparações entre duas obras pertencentes ao universo ficcional de escrita feminina africana, inseridas no contexto dito pós-colonial, sendo elas: *Niketche: uma história de poligamia* da romancista moçambicana Paulina Chiziane e *A coisa à volta do teu pescoço*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Norteando nossa análise, ao que concerne a escrita feminina e o lugar subalternizado da mulher, buscou-se amparo nas teorias de Spivak em *Pode o subalterno falar?*; com relação à perspectiva cultural de análise da produção literária e de suas teias rizomáticas, adotamos a teoria de Homi K. Bhabha em *O local da cultura*. Durante o estudo, percebemos como a criação literária destas autoras aponta para um questionamento acerca do discurso hegemônico na literatura, colocando em cena certas contradições que caracterizam a sociedade de seus países, bem como as relações de gênero, identidade e sexualidade estabelecidas na esfera cultural.

Palavras-chave: Paulina Chiziane, Chimamanda Adichie, gênero, africanidade.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem PPGEL/UFRN

² Mestranda Em estudos da Linguagem PPGEL/UFRN

³ Orientadora. Professora Adjunta do departamento de Letras UFRN



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1. Introdução

A literatura produzida por mulheres africanas aponta para o espaço de transformação histórica em que percebemos as complexas articulações entre tradição e contemporaneidade na mulher silenciada pós-colonial, evidenciadas por meio da sua escrita. A partir disso, elegemos duas autoras africanas contemporâneas com produções literárias representativas que versam sobre a questão do feminismo: Paulina Chiziane e Chimamanda Adichie.

Paulina Chiziane, contadora de histórias, nasceu em 1955, em Manjacaze e cresceu nos subúrbios da cidade de Maputo. Frequentou o curso de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane sem ter, porém, concluído. Iniciou a sua atividade literária em 1984, publicando contos na imprensa moçambicana. Acerca de sua produção, depois da independência de Moçambique, Paulina publica o primeiro romance, *Balada de Amor ao Vento* (1990) que é também o primeiro romance de uma mulher moçambicana. Na sequência, o romance *Ventos do Apocalipse*, concluído em 1991, só vem ser publicado em 1999, em Portugal, assim como os últimos três romances, que são o *Sétimo Juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008).

Em outra margem africana temos Chimamanda Ngozi Adichie, uma jovem escritora nascida em Enugu, Nigéria, em 1977. Detentora de diversos prêmios literários, entre eles o “Orange Prize de ficção” em 2007, também transita pelos territórios da crítica cultural, ressaltando a importância das lutas feministas, questões igualmente problematizadas no texto literário. Atualmente, a autora é membro da MacArthur Foundation Fellowship⁴, e desde os dezenove anos – quando saiu da Nigéria para a América a fim de estudar Comunicação e Ciência Política – divide seus dias entre a Nigéria e USA. Assim como Chiziane, se diz contadora de histórias, revelando a raiz de sua criação: a ficcionalização de casos partilhados. A autora teve sua primeira obra, *Hibisco roxo*, publicada em 2003, seguida por *Meio sol amarelo*, de 2006. Em 2009, publica o livro de contos intitulado *A coisa à volta do teu peçoço* e sua mais recente produção é o romance *Americanah*, de 2013.

Por meio da literatura destas escritoras, a proposta deste “tecido fêmeo” é trazer à tona a possibilidade de reflexão sobre a condição feminina permeada por elementos de

⁴ Fundação que financia e estimula projetos criativos em diversos países, atuando em favor dos direitos humanos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desigualdade, à sombra do patriarcalismo e de um contexto marcadamente pós-colonial. Neste contexto, a questão da identidade e de gênero dos sujeitos na pós-modernidade é um assunto cada vez mais recorrente nos estudos literários, a partir das teorias pós-coloniais. Compreendemos a importância de se pesquisar um assunto de tal natureza, pois os estudos acerca dos projetos identitários, bem como a *inscritura* dos sujeitos femininos nestes processos representam a necessidade de repensar, na contemporaneidade, essa subjetividade que emerge como resultado de toda uma situação político-social marcada pelo racismo, pela exclusão no mercado de trabalho, pelo silenciamento enclausurado dentro de um lar, domesticável de afazeres infintos e repetitivos.

A partir destas frestas, se faz necessária à investigação das questões de gênero em África que ganham crescente visibilidade com a produção literária de escritoras africanas. Sobre gênero, as narrativas de Paulina Chiziane e Chimamanda Adichie, apresentam relações entre si, uma vez que as histórias por elas narradas falam com desconfiância das crenças, dos conflitos, bem como dos relatos de experiências individuais e coletivas e as relações entre as comunidades, levando em consideração as diferentes tradições culturais desses povos.

Aponta-se aqui para uma discussão que põe em dúvida os questionamentos que se inserem no campo da literatura, evidenciada em *Niketche: uma história de poligamia* e *A coisa à volta do teu pescoço*. Nessa travessia, as questões de gênero e identidades em Chimamanda e Chiziane são repensadas em um contexto cultural multifacetado, mas específico. Observa-se na escritura de ambas que o papel da mulher enquanto escritora é político, pois, segundo Bhabha (2010), toda escritura carrega uma ideologia. Pensando ideologicamente o texto feminista, percebe-se que as operações estéticas se articulam de forma rizomática com o mundo ao redor, ao interligar o verbo a uma práxis de vida. Estas autoras trazem às margens da literatura questões cruciais ao universo da escrita africana, ao elegerem a cultura como elo discursivo em tensão permanente.

2. Procedimentos metodológicos

Ao averiguarmos que toda tensão no terreno da escritura feminina reivindica a quebra de paradigmas estabelecidos culturalmente, o referencial teórico destacado neste trabalho, possibilitou-nos observar que a representação da mulher ao longo da história se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

constitui de modo silencioso. Em *Pode o subalterno falar?* Spivak problematiza a visão que objetifica o sujeito pós-colonial e a condição subalterna a qual estes foram relegados. Tendo em vista as amarras ideológicas da construção de gênero, delimitamos nosso trabalho com base no que diz a teórica sobre a subalternidade feminina:

É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (SPIVAK, 2014, p. 85)

Percebemos nas mulheres retratadas por Adichie e Chiziane uma construção histórica e ideológica que aprisiona a mulher a uma subalternidade dupla, condição esta que exemplificamos, mais adiante, em nossa discussão por meio da análise comparativa entre as personagens Nkem e Rami destacando também o momento em que estas mulheres tomam consciência desta construção, à medida que seus pensamentos e ações conduzem ao ponto de partida para fora da obscuridade.

Ao questionarmos o lugar subalterno, é necessário revisitar o lugar fronteiro que constitui o *entre-lugar*, no qual as personagens se situam. Assumindo que o texto literário faz emergir os conflitos internos, problematizando os padrões instituídos no imaginário cultural, nos debruçamos sobre as contribuições de Homi Bhabha, em *O local da cultura* (2010). Tal posicionamento corroborou na busca pelo melhor entendimento da intervenção que emerge nas fronteiras culturais, evidenciada por meio da produção das autoras africanas, que pela literatura diz e problematiza sua condição minoritária.

3. Discussão e Resultados

Sobre o romance Niketche

Niketche nos conta a história de Rami, uma mulher moçambicana que vive uma vida baseada nos preceitos cristãos. Ela é casada com Tony, um alto funcionário da hierarquia policial. Cansada de estar sozinha, Rami empreita uma busca para entender as ausências de seu marido e acaba por descobrir vários relacionamentos extraconjugais mantidos em silêncio por ele. Estas amantes são muitas e estão espalhadas por todo o país: Maputo, Inhambane,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Zambézia, Nampula e Cabo Delgado, configurando, assim, uma poligamia informal. Com isso, Rami guia-nos a realidade social complexa de seu país, dos conflitos de gênero no espaço familiar e na construção do estatuto social da mulher.

Sobre o conto Imitação

Retirado do livro *A coisa à volta do teu pescoço*, o conto *Imitação* tem como centro Nkem, uma nigeriana que após uma vida difícil na casa dos pais, casa-se com Obiora que lhe proporciona uma vida confortável nos Estados Unidos da América. Seu marido, cada vez mais ausente, mantém negócios na Nigéria, e por este motivo, só vê a família alguns meses por ano, situação que, com o passar dos anos, se torna insustentável para Nkem. Em dado momento, em meio ao vazio da linda casa do subúrbio, a personagem toma conhecimento da traição de Obiora. Esta revelação acenderá as lembranças de uma vida envolvida em silêncio, nos levando a desconstrução de preceitos social e culturalmente estabelecidos, por meio de suas reflexões.

3.1 À sombra de um grande homem

O que querem as mulheres, à volta de um só homem? Todas tememos a solidão e por isso suportamos o insuportável. Dizem que as mulheres são muitas – as estatísticas e os próprios homens – e os homens poucos. Para dizer a verdade – parafraseando a Lu, a terceira –, há homens em quantidade suficiente. Homens com poder e dinheiro é que são poucos. Na história da nossa terra, mulher nenhuma morreu virgem por falta de homem. Para todas estas mulheres o Tony é emprego, fonte de rendimento. O mundo acha que as mulheres são interesseiras. E os homens não são? Todo o homem exige da mulher um atributo fundamental: beleza. As mulheres exigem dos homens outro atributo: dinheiro. Qual é a diferença? Só os homens podem exigir e as mulheres não? (CHIZIANE, 2004, p.58).

De modo naturalizado no cerne das culturas e sociedades, localizando-nos especificamente no contexto dos dois países, Moçambique e Nigéria, convencionou-se a associação da mulher realizada e completa somente ao lado do homem, detentor de “títulos” sociais. Mais que isto, este homem atribuiria valor a mulher perante a sociedade, ela seria reconhecida como a mulher de um “Grande Homem”. Assim, com letras garrafais no início do substantivo, Adichie marca no conto *Imitação* uma realidade de raízes profundas nas subjetividades femininas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nkem, diante da traição e da figura desconhecida da amante, reflete acerca dos caminhos que a conduziram até aquela altura da vida. Nascida em família pobre, pensa nas dificuldades enfrentadas até mesmo para as refeições diárias. Quando mais velha, não podia fazer muito pela família com o emprego que tinha. Em determinado ponto do conto, nos é exposta a real situação:

Andou com homens casados antes de Obiora – que rapariga solteira em Lagos não o fazia? Ikenna, um homem de negócios, pagara a conta do hospital do pai dela quando ele fez a operação à hérnia. Tunji, um general do exército já aposentado, tinha mandado consertar o telhado da casa dos pais dela e comprara-lhes os primeiros sofás a sério que tinham tido. Teria considerado a hipótese de ser a sua quarta mulher – ele era muçulmano e podia tê-la pedido em casamento – para ele ajudar a pagar os estudos dos seus irmãos mais novos. Ela era a *ada*, ao fim e ao cabo, e sentia vergonha, mais ainda do que frustração, por não poder fazer nenhuma das coisas que se esperavam da primeira filha (ADICHIE 2012, p. 37).

Mergulhando nas reflexões de Nkem, associamos a sua condição submissa à tentativa de se estar à altura das expectativas dos homens que carregavam o poder de modificar sua vida. Antes de casar-se, se sentia inferior, pois existiram “homens que não a pediram em casamento porque ela tinha frequentado uma escola de secretariado, não uma universidade” (ADICHIE 2012, p. 38). Quando conheceu o futuro marido não gostava do sabor do vinho, mas Obiora “disse-lhe: – Hás de vir a gostar – por isso ela obrigou-se a gostar logo de vinho” (ADICHIE 2012, p. 38). Casada, tornou-se ainda mais resignada. A vida era melhor, mas em nenhum momento se sentiu, de fato, dona das decisões tomadas ou se quer participante delas. Completando a condição submissa de Nkem mesmo longe da situação social do seu país de origem, Obiora era membro da “Liga dos Homens Nigerianos Ricos que Mandavam as Mulheres para a América para Terem os Seus Filhos” e da liga dos “Homens Nigerianos Ricos que Tinham Casa na América”, e para ela, em sua condição menor, era desnecessário até o pedido de casamento, “teria ficado na mesma feliz se ele se tivesse limitado a dar-lhe uma ordem” (ADICHIE 2012, p. 39).

A mulher na cultura africana, portanto, é marcadamente privilegiada por um espaço simbólico que representa a continuidade das comunidades de origem. Apesar disso, as regras desta própria tradição colocam estas mulheres sob um regime de inferioridade de gênero ao



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

status de um casamento marcado pela submissão feminina, realidade mostrada no romance *Niketche*:

Diz Tony - Fiz-vos um grande favor, registrem isso. Dei-vos o estatuto. Fiz de vocês mulheres decentes, será que não entendem? São menos cinco a vender o corpo e a mendigar amor pela estrada fora. Cada uma de vocês tem um lar e dignidade graças a mim. Agora querem controlar-me? (CHIZIANE, 2004, p. 141)

Nesse contexto, a mulher precisa assumir uma identidade doméstica, o que, socialmente, torna-a individualmente responsável por todos os problemas da família.

- Rami? - Diz Tony! - A culpa é toda tua. - Já sabia. Respiro um ar amargo. A corda rebenta sempre do lado mais fraco. É o ciclo da subordinação. O branco diz ao preto: a culpa é tua. O rico diz ao pobre: a culpa é tua. O homem diz à mulher: a culpa é tua. A mulher diz ao filho: a culpa é tua. O filho diz ao cão: a culpa é tua. O cão furioso ladra e morde ao branco e este, furioso, grita de novo para o preto: a culpa é tua. E a roda continua por séculos e séculos (CHIZIANE, 2004, p. 271).

A personagem Rami parte em negação a toda uma condição imposta quando, ao empreender atitudes e pensamentos críticos sobre as mulheres, mostra, de maneira subversiva, as fissuras de uma sociedade híbrida e o declínio das tradições culturais. O que reafirma o discurso transgressor do romance: “Negar não é gritar: é olhar a lei, mudar a lei, a desafiar a religião e introduzir mudanças, dizer não à filosofia dos outros” (CHIZIANE, 2004, p.82).

3.2 Mulheres: *inscritas e escritas*

Para ouvirmos a personagem Rami é preciso atentar-se para a esfera que se encontra num ponto de fissura não somente da sua própria subjetividade, mas em ruptura com o discurso hegemônico presente no bloco político do país. A escolha das personagens femininas nos romances de Chiziane não é por mero acaso. Pela dupla marginalização, as mulheres *inscritas* em seus romances identificam outra sensibilidade, outra percepção do real, exteriorizado a partir de seu lugar subalternizado na sociedade. Em *Niketche*, pelo viés da poligamia informal, os valores de um sistema predominantemente patriarcal e todas as instituições fundamentadas nesta estrutura são postos à prova quando, por meio de ações de enfrentamento e busca por independência financeira, Rami e suas rivais se articulam para diminuir o poder de dominação de Tony.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Percebemos, portanto, uma narrativa impulsionadora de mudanças. Ao narrar a si própria, Rami percorre a via do silêncio e sua voz é encruzilhada nos *entre-lugares* moçambicanos, tecendo as diferenças culturais e os vestígios da colonização que perduram em seu país. Em tom de crítica, Rami questiona o valor atribuído às mulheres, adentrando até mesmo na representação cristã – a posição religiosa escolhida por sua família; a que institui oficialmente o seu casamento; a religião trazida pelo colonizador – e suas indagações pontuam com ironia o lugar marginalizado de que emerge o seu discurso:

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa – sua esposa – intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial. (CHIZIANE, 2004, p.59)

De seus próprios retalhos interiores vemos como são articulados os discursos sobre a mulher, o casamento, a sexualidade, a emancipação econômica feminina, as crenças, a religião.

Estes retalhos também compõem o discurso presente nas narrativas de Adichie. Na reunião de contos apresentados em *A coisa á volta do teu pescoço*, a voz feminina problematiza o mundo ao redor, sendo o casamento mais uma instituição a ser desconstruída. Em *Imitação* percebemos outra construção discursiva sem uma voz religiosa marcada como em Chiziane, mas que também evidencia a mulher subjugada. No contexto de Nkem, o matrimônio é o “ponto alto” almejado para a obtenção do seu valor social. Esta condição em momento algum proporciona liberdade, mantendo a ideia do homem como salvador e legitimador da mulher. O seu lugar no casamento é indagado conforme Nkem cogita a possibilidade de tomar decisões de acordo com seus preceitos. Possibilidade esta igualmente vivenciada por Rami.

A problemática financeira também entra em questão, já que pode ser percebida como mais um fator que impele a mulher, pobre e sem perspectiva de futuro diferente, a almejar pela figura do homem como protetor, realidade de Nkem antes da união com Obiora. Depois de providas as necessidades financeiras, mediante o casamento com um homem de posses, a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

condição subalterna da mulher torna-se ainda mais evidente, pois a exclusão financeira e a pobreza podem, por vezes, mascarar outras formas de opressão.

A reflexão no campo individual desagua numa construção coletiva de significados que permeiam as subjetividades. À medida que a Nkem volta-se para si e enxerga as amarras invisíveis, perde-se em meio a sua identidade estilhaçada e “não se recorda. Subitamente, não consegue lembrar-se de nada, não consegue recordar para onde foi sua vida” (Adichie 2012, p. 46), pois há muito era só corpo, guiado por tudo que lhe era externo. Agora, guiada pelo sentimento de se encontrar num espaço/tempo fronteiro, ela “não tinha planeado dizê-lo, mas parece certo, é o que sempre quis dizer” (Adichie 2012, p. 47). Dessa forma, as narrativas de Chimamanda Adichie e Paulina Chiziane nos remetem ao contexto de transição que coloca em cena a imagem da mulher na sociedade moçambicana e nigeriana, fornecendo material estético para a revisão crítica acerca dos processos de subjetividade e dos conceitos de identidade.

3.3 Experimentar o gosto de suas escolhas

Em *Imitação*, Nkem se mostra feliz com a ida aos Estados Unidos, mesmo que a decisão sobre a estadia definitiva não tenha sido sua. Inicialmente, tudo parecia estar no devido lugar, mas com passar dos anos os questionamentos foram surgindo e após a descoberta da traição, se tornou impossível permanecer na resignação corriqueira, contendo a voz, se dissolvendo em silêncio. Percebe-se que o ato do marido, por si só, não é capaz de inquietar Nkem por completo. Tal situação funciona, a nosso ver, mais como a “última gota d’água” numa mulher já encharcada pelo silenciamento imposto antes mesmo do casamento. A distância de Obiora, que passa pouco menos de três meses ao ano junto da família, é motivo de perturbação maior do que os votos desfeitos.

Toda sua reflexão a respeito do abandono do marido conduz a personagem ao empoderamento de seu próprio corpo, pois como observado até mesmo sua aparência (corte de cabelo e a depilação das partes íntimas) era definido de acordo com o gosto do “Grande Homem”. Nkem então “Pega na tesoura, a que usa para aparar as fitas de Adanna [filha mais velha] e leva-a à cabeça. [...] Tufos de cabelo flutuam e caem como asas de traças queimadas” (ADICHIE 2012, p. 35). Percebe-se que esta decisão é um passo inicial na contramão do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

silenciamento. Na sequência, Nkem passa a questionar o discurso do seu marido, antes aceito passivamente como verdade absoluta, deixando emergir uma força que parecia inexistente até mesmo para ela, como demonstra o fragmento a seguir:

Fala lentamente, para o convencer, para se convencer a si própria também. Obiora continua a fita-la e ela sabe que ele nunca a ouviu falar com tanta firmeza, que nunca a viu tomar uma posição. Pergunta-se vagamente se terá sido isso que lhe terá atraído de início, o fato de ela ser deferente, de deixar que ele falasse por ambos. (ADICHIE 2012, p. 47)

Em Niketche, a mulher que encontramos também não consegue mais fechar os olhos e atender pacificamente aos modelos sociais:

Acham que eu devo abraçar a poligamia, e pôr-me aos gritos de urras e vivas e salves, só para preservar o nome emprestado? Acham que devo dizer sim à poligamia só para preservar este pedaço de chão onde repousam os meus pés? [...] Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. [...] O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. [...] Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. A minha alma é a minha morada. Mas onde vive a minha alma? (CHIZIANE, 2004, p. 79).

A atitude de Rami de partir em busca de respostas para suas dores conduz a personagem, e todo o enredo do romance, a uma verdadeira viagem de amadurecimento crítico e pessoal. Como contadora de sua história, Rami vai mostrando as amarras de uma sociedade patriarcal tecendo as vozes que rompem velhos silêncios.

As rupturas que nascem das escolhas das protagonistas trouxeram o espaço fundamental tanto no conto quanto no romance para colocar em pauta um possível diálogo das mudanças necessárias nos sistemas de discriminação de gênero institucionalizados.

A proposta de analisar estas *Mulheres Entre-tecidas* trouxe-nos um breve olhar sobre a literatura subversiva da moçambicana Paulina Chiziane e da nigeriana Chimamanda Adichie, escritoras que vivenciaram processos de revoluções e que não deixaram passar em branco, em suas narrativas, um olhar crítico sobre os comportamentos da burguesia urbana de seus países.

4. Conclusões

O presente artigo tinha como objetivo analisar a criação literária das autoras Paulina Chiziane e Chimamanda Adichie como elos que se configuram como pontos de partida,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

necessários para se pensar a questão de gênero no território africano. Ao longo da pesquisa, vários momentos do conto *Imitação* e do romance *Niketche* retratam situações em que a posição da mulher se mostra subalterna diante do homem, seja ele marido, pai, amante, etc. Todavia, a situação imposta a estas personagens distintas conduzem-nas a um movimento de mudança de comportamento, na tentativa de inverter sua condição, rompendo normas sócio-culturais de suas comunidades e partindo para a conquista de uma emancipação em todas as esferas de suas vidas, a partir da consciência de se estar livre e experimentando o gosto de suas escolhas. Esse tema encontra suporte nas palavras do sujeito crítico da própria Chimamanda. Em *Sejamos todos feministas* (ADICHIE, 2014, p. 34), indica: “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

Partindo da premissa de que não é possível analisar as relações de gênero centrado apenas no texto literário, sem se atentar para as relações culturais, constatamos que estas mulheres vivem realidades incompatíveis com os ideais de emancipação e igualdade norteadores dos discursos revolucionários. Para encarar as questões de gênero e sexualidade em África, a mulher escritora explora, em suas narrativas, um feminismo africano, reivindicando outras instâncias e destacando, sobretudo, a consciência da subalternidade fora das bandeiras ocidentais.

Mesmo com tantos pontos significativos explicitados em nossas discussões, decorrer sobre as relações de gênero na literatura africana ainda é um assunto demasiadamente delicado e inicial; as questões abordadas neste artigo, portanto, devem ser retomadas em estudos futuros.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi, **A coisa à volta do teu pescoço**. Alfragide: Dom Quixote, 2012.

_____. **Sejamos todos feministas** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução: Myriam Ávila [et al.]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

_____. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

_____. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Mimesis, Bauru, vol. 19, n. 0, p. 07-23, 1998.

_____. *Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês*. Revista Maringá, v. 28, n.1, p.13-25, 2006.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CESAIRE, Aimé. *Caderno de um retorno ao país natal*. São Paulo: Terceiro Milênio, 2011.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: Uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, P. *Eu, mulher, por uma nova visão do mundo*. In: AFONSO, A. E. de S. (Org.). *Eu, mulher em Moçambique*. Moçambique: AEMO; UNESCO, 1992. p. 9-21.

MARTINS, Anderson Bastos. *Interlúdio: duas mulheres nigerianas, uma experiência privada*. In: Revista Olho D'água. São José do Rio Preto, 2011.

MATA, Inocência. *As vozes femininas na literatura africana: passado e presente*. Comunicação proferida no Congresso internacional da Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres: O rosto feminino da expansão portuguesa. Lisboa, 1994.

_____. *O sétimo juramento, de Paulina Chiziane - uma alegoria sobre o preço do poder*. In: Revista SCRIPTA, Belo Horizonte, v.4, n.8, p. 187-191, 1º sem. 2001.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2014.